Dia 19 — São Gervásio e São Protásio, Mártires

Tudo o que sabemos destes dois gloriosos mártires, primícias da igreja de Milão e tão célebres em toda a Igreja de Deus desde o quarto século, o devemos a Santo Ambrósio.

São Gervásio e Protásio, gêmeos e naturais de Milão, foram filhos de São Vital, mártir, e de Santa Valéria, que, voltando de Ravena, aonde havia ido enterrar o corpo de seu santo esposo, caiu em mãos de uma tropa de gentios, a uma légua de Milão, que faziam sacrifícios ao deus Silvano. Quiseram obrigá-la a que os acompanhasse naquelas sacrílegas cerimônias; mas, negando-se a santa com resolução, dizendo aos gritos que era cristã, ali mesmo recebeu logo a palma do martírio.

Não podiam menos de ser virtuosos os filhos de uns pais tão santos. Serviu como de base à eminente perfeição a que os elevou a divina graça a santa educação que a estes deveram. Como nasceram pouco tempo depois que nasceu a mesma Igreja, estavam animados com o fervor dos primitivos cristãos e desde sua infância se distinguiu em Milão seu zelo pela fé de Jesus Cristo.

Eram ambos moços galantes e airosos, de uma estatura proceira, fazendo-se respeitar até dos próprios gentios por sua inocência e por sua virtude. Passaram sua juventude numa vida de muita edificação, exercitando-se em obras de caridade cristã. Tendo herdado grandes riquezas pela gloriosa morte de seus santos pais, determinaram fazer Jesus Cristo herdeiro delas, repartindo-as entre os pobres. Não é fácil dizer quanto aproveitou esta generosa caridade aos fiéis de Milão, nem as muitas famílias pobres que se sustentaram à custa dela durante a perseguição que os idólatras excitaram contra os cristãos; mas os que faziam tanto bem aos estranhos não se esqueceram dos próprios: deram liberdade a todos os seus escravos; e, tendo provido a suas necessidades, retiraram-se a um quarto para dedicar-se unicamente à oração, à leitura de livros espirituais e ao exercício de todas as virtudes. Ocupados unicamente em só Deus e empregados em servi-lo, passaram dez anos naquela doce solidão, vivendo mais como anjos que como homens e, no meio de uma populosa cidade, fazendo, por assim dizer, um como desenho daquela vida solitária que com o tempo havia de santificar os desertos. Era contínuo seu jejum, servindo-lhes de nova penitência o pouco alimento que tomavam uma só vez ao dia.

Sepultados em seu retiro, só tinham comunicação com o céu, passando em oração os dias e as noites, sem que apenas a interrompesse o curto sono que tomavam; e com uma vida tão pura, tão fervorosa e tão penitente conseguiram do Pai das misericórdias a graça que lhe pediam todos os dias de derramar seu sangue por Jesus Cristo.

Embora se tivessem feito quase invisíveis aos olhos dos homens por sua vida retirada, os raios de sua virtude não deixavam de penetrar por entre as sombras daquela mesma obscuridade. Todos os reconheciam por cristãos; mas a muita veneração que professavam a sua vida exemplar fez que os deixassem tranquilos. Com tudo isso, não durou muito a calma. Transitando por Milão o conde Astásio, general do exército do imperador contra os marcomanos, povo da antiga Germânia, foram acusados os dois irmãos diante dele. Apresentaram-se-lhe os sacerdotes dos ídolos e disseram-lhe que, se queria voltar vitorioso e entrar triunfante em Roma, obrigasse os dois irmãos Gervásio e Protásio, ambos cristãos, a que sacrificassem aos deuses; sem cuja diligência desde logo lhe anunciavam a inteira e total derrota de seu numeroso exército.

Atemorizado o general com aquelas ameaças, fez vir a sua presença os dois santos, ficando admirado e até compadecendo-se quando viu aqueles corpos extenuados, e sobretudo quando observou sua modéstia, gravidade e compostura. Falou-lhes no princípio com muito agrado e disse-lhes que tinha entendido que eram duas almas muito gratas aos olhos dos deuses protetores do império, pelo que havia resolvido levá-los consigo ao templo para que lhes oferecessem sacrifícios, rogando-lhes que abençoassem suas armas, fazendo gloriosa e feliz sua expedição. «Senhor (respondeu Gervásio), dai-me licença para representar-vos que vos equivocais muito nos meios, se pretendeis conseguir esse fim. A quem vos dirigis e a quem ofereceis sacrifícios? Que poder hão de ter uns ídolos de metal ou de madeira, que o fogo os consome e o tempo os acaba? Não ignorais, só com não cegar-vos à luz da razão, que todos os vossos deuses juntos não valem tanto como o mais vil dos homens. Quereis conseguir seguramente a vitória? Pois endereçai vossos cultos ao Deus dos exércitos, que é o Deus dos cristãos e também o vosso, posto que nem há nem pode haver outro Deus, criador do céu e da terra, dono soberano dos impérios e único árbitro de nossa sorte. Este só é o que pode dar-vos a vitória, e só a ele a deveis pedir.»

Surpreendeu tanto o conde este discurso que a princípio ficou como cortado; mas acudiram logo a irritá-lo os sacerdotes dos ídolos, não menos que as sediciosas vozes do povo, o qual gritava tumultuosamente que, se não se vingava no momento aquela grande blasfêmia contra os deuses imortais, ameaçava um terrível açoite do céu à cidade de Milão e a todo o império romano. Aceso Astásio em cólera, mandou açoitar tão cruelmente Gervásio com chumbadas que, consumido já ao rigor de suas penitências, rendeu a alma no mesmo suplício.

Mas, como o conde quisesse mais fazê-los apostatar que tirar-lhes a vida, não poupou diligência alguma para persuadir Protásio a que ao menos o acompanhasse até o templo, aonde ele iria e ofereceria o sacrifício. Negou-se a isto o santo mancebo generosamente, representando-lhe com respeito, mas com resolução, que não consistia a ventura do homem em viver, pois todos haviam nascido sentenciados à morte, mas em conhecer e em servir ao verdadeiro Deus, criador do céu e da terra; que conhecia bem não ser muito de seu gosto este discurso, mas que ele nem podia dissimular a verdade nem devia fazer traição a sua consciência, e que ainda se atrevia a dizer que mais temia o conde Astásio a Protásio que Protásio ao conde Astásio, atento a que este temia perder a batalha se Protásio não oferecia aos deuses um sacrílego sacrifício. Irritou furiosamente o general um discurso tão cristão, pronunciado com modéstia, mas com resolução, e mais havendo imaginado que a cruel morte de Gervásio teria intimidado seu irmão. Disse-lhe, cheio de cólera, que era tão insensato como aquele, e acrescentou: «Já que queres perecer, perecerás.» Ao que replicou Protásio: «Não perecerei se tenho a glória de morrer por meu divino Mestre, porque o

martírio é o caminho mais seguro para a vida eterna. Só morrerei com o sentimento de ver-te idólatra: compadeço-me muito de tua desgraça e não posso menos de chorar tua cegueira.» Conheceu Astásio que se lhe ia abrandando o coração e, temendo que acabasse de vencê-lo, resolveu desfazer-se dele quanto antes; pelo que mandou que logo lhe cortassem a cabeça, o que se executou no ato, tendo sucedido isto pela metade do primeiro século. Ficaram os dois santos corpos um dia inteiro expostos aos olhos do público e depois foram lançados num monturo, de onde um grande servo de Deus, chamado Filipe, acompanhado de seu filho, os retirou secretamente de noite, colocou-os num sepulcro de mármore, escreveu num papel tudo o que acabamos de referir, pôs o escrito debaixo da cabeça dos santos e depois enterrou o mesmo sepulcro. Mais de 300 anos esteve oculto este precioso tesouro, até que no de 386 permitiu Deus que os mesmos santos Gervásio e Protásio se revelassem a Santo Ambrósio, quando o santo se estava dispondo para dedicar a igreja de Milão, que depois se chamou a Basílica Ambrosiana e hoje se chama Santo Ambrósio, o Grande. As palavras com que o mesmo santo refere este sucesso na carta que escreveu a sua irmã Santa Marcelina são as seguintes:

«Dispondo-me eu para dedicar a nova igreja que mandei construir em Milão, mostrou o povo grandes desejos de que celebrasse esta função com a mesma solenidade com que havia dedicado a dos santos apóstolos, quando coloquei nela suas relíquias. Respondi que condescenderia gostoso com o que desejava, contanto que achasse relíquias de alguns mártires para colocar; e naquele mesmo ponto senti não sei que movimento interior, que me pareceu como presságio do que depois havia de suceder. Tendo-me feito Deus a graça de que jejuasse a quaresma, passando-a em oração com os fiéis, um dia senti-me carregado de sono e começava já a dormir quando, despertando de repente, vi diante de mim dois mancebos vestidos com uma roupa talar e cobertos com um manto ou capa de extraordinária brancura, parecendo-me que os dois estavam fazendo oração. Despertei perfeitamente, e desapareceu a visão. Inquieto por não saber o que aquilo significava, dobrei meu jejum e minhas orações; sucedeu-me segunda vez o mesmo; e, enfim, na terceira noite, estando perfeitamente desperto, puseram-se diante de mim os dois mancebos acompanhados de outro terceiro que representava mais idade, e me pareceu que seria São Paulo: ao menos era muito parecido com o retrato que temos deste apóstolo. Os dois mancebos não me falaram palavra; mas este terceiro me disse que aqueles dois jovens eram dois ilustres mártires de Jesus Cristo, cuja vida e cuja morte havia edificado muito a Igreja, e que acharia suas relíquias no mesmo sítio onde estava fazendo oração, as quais devia expor à veneração dos fiéis. Como eu me atrevesse a perguntar-lhe por seus nomes, foi-me respondido assim: “Acharás os escritos com uma breve notícia de sua vida e de seu martírio na mesma sepultura.” Tendo dado parte do que acabo de referir aos bispos vizinhos e a meu clero, juntamo-nos todos na igreja de São Nabor e de São Félix, fizemos cavar a terra ao redor das barandas que cercam o sepulcro dos dois santos mártires Félix e Nabor e encontramos, enfim, o que continha aquelas preciosas relíquias; abrimo-lo e achamos os corpos de dois santos mártires, cujos ossos estavam inteiros e em sua situação natural. Estava coberto de sangue o fundo do sepulcro, e o maravilhoso odor que saía dele se estendeu por toda a igreja; debaixo da cabeça dos santos se achou um escrito que continha o compêndio de sua vida e de seu martírio.»

Antes que se elevassem os ossos da terra nem se cantassem os hinos, fizeram-se vir ao sepulcro diferentes energúmenos e logo testificaram os milagres a realidade das relíquias. No mesmo dia foram trasladadas à basílica de Fausto e, porque já era tarde, deixaram-se ali até o dia seguinte,

passando-se a noite em oração. «Foi prodigioso o concurso de gente que acudiu de todas as partes (prossegue o santo), e no dia seguinte levaram-se as santas relíquias à basílica maior com religiosa pompa, à qual se seguiram regozijos públicos em toda a cidade. Durante a procissão (continua Santo Ambrósio) sucedeu a milagrosa cura de um cego, conhecido em todo Milão, que se chamava Severo; apenas lhe tocou os olhos com o pano ou tafetá que cobria as relíquias dos mártires, quando recobrou no mesmo instante a vista; manifestando Deus a glória dos santos com outros muitos milagres.» Subiu ao púlpito Santo Ambrósio e, tendo a um e a outro lado as duas caixas, pregou um sermão ao povo em honra dos dois santos, como o conta a sua irmã Santa Marcelina, e nele falou nestes termos: «Vós mesmos haveis sido testemunhas de muitos energúmenos que ficaram livres à vista destas santas relíquias. Quantos enfermos se viram repentinamente sãos tocando o pano que cobre estes dois santos corpos, e quantos com a sombra só destas duas caixas! Quantos oratórios se têm erigido já em honra sua! E quantos panos, quantos tafetás se têm mudado já, pela piedosa persuasão de que tudo o que houvesse tocado os santos corpos teria virtude de fazer milagres! Enfim, tem-se por ditoso o que logra tocar o lenço que os cobre: *Gaudent omnes extrema lintea contingere.* Concebendo uma grande confiança de que logo se verão livres de suas dolências: *Et qui contigerit, salvus erit.*»

Esta gloriosa trasladação, que desde então se fez tão célebre em quase todo o mundo cristão, solenizou-se no dia 19 de junho do ano de 386, a cujo dia fixou a Igreja sua festa.

Martirológio Romano

Em Milão, os santos mártires Gervásio e Protásio, irmãos. O juiz Astásio mandou açoitar o primeiro com chumbadas até que morresse e decapitar o segundo depois de espancado. Santo Ambrósio achou por revelação do Senhor os santos corpos tão inteiros e ensanguentados como se tivessem sido martirizados no dia da invenção. À sua trasladação um cego recobrou a vista só com tocar o féretro, e ficaram livres muitos possessos.

Em Ravena, Santo Ursicino, mártir, que sob o juiz Paulino, permanecendo constante na confissão do Senhor apesar dos tormentos, completou seu martírio com a degolação.

Em Sozópolis, São Zósimo, mártir, que na perseguição de Trajano, sob o presidente Domiciano, padeceu cruéis tormentos, perdendo a cabeça, com o que ganhou o céu.

Em Arezzo, na Toscana, os santos mártires Caudêncio, bispo, e Culmácio, diácono, que foram mortos pelos gentios no tempo de Valentiniano.

No dito dia, São Bonifácio, mártir, discípulo de São Romualdo, que, enviado pelo romano pontífice a pregar o Evangelho na Rússia, tendo passado pelo fogo sem lesão e batizado o rei com seu povo, foi morto pelo irmão do rei, furioso do caso, e recebeu a coroa anelada do martírio.

Em Ravena, São Romualdo, anacoreta, pai dos religiosos camaldulenses, restabeleceu e propagou maravilhosamente a disciplina eremítica na Itália, onde se achava muito relaxada.

Em Florença, Santa Juliana Falconieri, virgem, fundadora da ordem das religiosas Servitas, canonizada por Clemente XII.

No Mans, Santo Inocêncio, bispo.

No país dos Vosgos, São Dié, bispo de Nevers. Em Fécamp, Santa Hildemarca, abadessa do dito lugar.

Na abadia de Anchin, nos Países Baixos, o venerável Odão, natural de Orleans, primeiro abade de São Martinho de Tournai, depois bispo de Cambrai, célebre por seus escritos e paciência.

Em Roma, os santos mártires Honório, Evódio e Pedro, enterrados no Campo Verano.

Em Nápoles, São Fortunato, bispo.

No cabo da Ístria, perto do golfo Veneziano, São Nazário, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui nos annua sanctorum martyrum tuorum Gervasii et Protasii solemnitate lætificas: concede propitius; ut quorum gaudemus meritis, accendamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade de vossos santos mártires Gervásio e Protásio, assisti-nos com vossa graça para que nos inflamem com seus exemplos aqueles que tanto nos regozijam com seus merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Pedro, capítulo 4.

1 Pedro 4,13-19

> **Latim:** 13 sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exsultantes. 14 Si exprobramini in nomine Christi, beati

> eritis : quoniam quod est honoris, gloriæ, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. [15] Nemo autem vestrum patiatur ut homicida, aut fur, aut maledicus, aut alienorum appetitor. [16] Si autem ut christianus, non erubescat : glorificet autem Deum in isto nomine : [17] quoniam tempus est ut incipiat judicium a domo Dei. Si autem primum a nobis, quis finis eorum, qui non credunt Dei Evangelio ? [18] et si justus vix salvabitur, impius et peccator ubi parebunt ? [19] Itaque et hi, qui patiuntur secundum voluntatem Dei, fideli Creatori commendent animas suas in benefactis.

Português: [13] mas folgai de serdes participantes das penalidades de Christo, para que folgueis tambem com júbilo na apparição da sua gloria. [14] Se sois vituperados pelo nome de Christo, bemaventurados sereis: porque o que ha de honra, de gloria, e de virtude de Deos, e o espírito que he d'elle, repousa sobre vós. [15] Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cubiçador do alheiro. [16] Se elle porém padece como Christiano, não se envergonhe: mas glorifique a Deos neste nome: [17] porque he tempo que principie o juizo pela casa de Deos. E se primeiro começa por nós: qual será o paradeiro d'aquelles, que não crem no evangelho de Deos? [18] E se o justo apenas se salvará, o ímpio e o peccador onde comparecerá? [19] Assim que tambem aquelles, que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Nota

«Escreveu São Pedro esta epístola a todos os fiéis, tanto judeus como gentios convertidos à fé; por isso se chama católica, isto é, universal, não se tendo dirigido a nação alguma particular. Escreveu-a desde Roma, a quem chamam por metáfora Babilônia, e a escreveu em grego, por ser então a língua mais geral. É seu principal intento confirmar na fé os fiéis que viviam entre os gentios.»

Reflexões

Si justus vix salvabitur, impius et peccator ubi parebunt? Se o justo apenas se salva, o ímpio e o pecador em que pararão? Esta pergunta se há de fazer a esses licenciosos de profissão, a esses homens quase sem religião, a esses mundanos que só seguem seus gostos, que só dão ouvidos a suas paixões e que cada dia se endurecem mais contra os remorsos de sua consciência. Perguntemos àquela pessoa jovem que só sabe tomar gosto às máximas do mundo, cujo coração e cujo espírito, cheio todo de vãos projetos de fortuna, de frívolas ideias de grandeza, só suspira pelos objetos de sua ambição e olha com lástima aos que professam uma vida cristã e regulada; perguntemos àquela mulher mundana, a essas gentes de diversões e de passatempos: qual há de ser sua sorte? Têm parentes, têm amigos que professam a mesma religião, e sua vida é muito diferente da sua. Aquela senhora, aquela dama tão indevota e tão derramada tem uma irmã num

convento, cuja inocência se está mantendo a favor de um contínuo exercício de oração, de uma exata observância, de uma rigorosa penitência, e dela diz o Apóstolo que apenas se salvará. Esta digna esposa de Jesus Cristo, esta vítima do divino amor, tão inocente, trabalha dia e noite em sua salvação com temor e com tremor e apenas se salvará, segundo o Apóstolo; enquanto sua irmã, que é tão pouco devota e tão mundana, criada na maldade e envelhecida nas perigosas diversões do mundo, vive com uma prodigiosa segurança de sua eterna salvação. Oh Deus, que cegueira tão funesta! Que estado mais digno de temer-se!

Os desertos e os claustros estão povoados de santos; e estes santos ainda não julgam segura sua inocência naquele abrigo. Que circunspecção em todos os seus sentidos! Que vigilância sobre todos os movimentos do coração! Que oração tão contínua! Temem a tempestade até naquele porto; desconfiam do inimigo até naquele campo fortificado; não dão por assegurada a virtude, nem entre os espinhos nem atrás das trincheiras da penitência; trabalham sem cessar cheios de temor debaixo do saco e do cilício; tremem até a morte no meio daquela horrorosa solidão: pois em que hão de parar essas mulheres profanas, essas pessoas tão indevotas, tão pouco cristãs, tão livres e tão licenciosas? Em que hão de parar essas almas expostas aos maiores perigos, sem antídotos e sem preservativos; esses escravos de suas paixões, cuja consciência é um caos, cuja vida é uma perpétua cadeia de culpas, cujos costumes estão tão estragados? Numa palavra: se o justo apenas se salva, o ímpio e o pecador em que pararão?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Lucas, e o mesmo que o dia 1.

Lucas 6,17-23

> **Latim:** 17 Et descendens cum illis, stetit in loco campestri, et turba discipulorum ejus, et multitudo copiosa plebis ab omni Judæa, et Jerusalem, et maritima, et Tyri, et Sidonis, 18 qui venerant ut audirent eum, et sanarentur a languoribus suis. Et qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur. 19 Et omnis turba quærebat eum tangere : quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes. 20 Et ipse elevatis oculis in discipulis suis, dicebat : Beati pauperes, quia vestrum est regnum Dei. 21 Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ridebitis. 22 Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejicerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis. 23 Gaudete in illa die, et exsultate : ecce enim merces vestra multa est in cælo : secundum hæc enim faciebant prophetis patres eorum.

Português: 17 Descendo depois com elles, parou numa planice, acompanhado da comitiva de seus discípulos, e de grande multidão de povo de toda a Judéa, e de Jerusalem, e das terras

marítimas assim de Tyro, como de Sidonia, [18] que tinham concorrido a ouvillo, e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que erão vexados dos espíritos inmundos, ficavão saós. [19] E todo o povo fazia diligencia por tocallo: pois sahia d'elle huma virtude, que os curava a todos. [20] E levantando elle os olhos para seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque voss he o reino de Deos. [21] Bemaventurados os que agora tendes fome: porque vós sereis fartos. Bemaventurados os que agora chorais: porque vós vos rireis. [22] Bemaventurados sereis quando os homens vos aborecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejcitarem o vosso nome como máo, por causa do Filho do homem. [23] Folgai naquelle dia, e exultai: porque olhai, grande he o vosso galdão no ceo: porque d'esta maneira tratavão aos profetas os pais d'-elles.

Meditação

Da causa e dos efeitos da falsa consciência

Primeiro ponto

Considera que a origem da falsa consciência é o amor-próprio, o qual, corrompendo o coração, dá passo ao contágio até o entendimento, e a este o cega; com cujos dois assessores, por assim dizer, decide de tudo como supremo juiz: matérias de religião, dúvidas de moral, casos de consciência, pontos de fé, tudo se resolve neste tribunal. Que de erros, que de descaminhos! E que há que admirar de que muitos se precipitem?

Os entendimentos mais curtos, os mais limitados, são os mais expostos a dar no erro, os menos capazes de conhecê-lo e por conseguinte de corrigi-lo; daqui nasce que a dureza e a obstinação é inseparável da falsa consciência. É indubitável que ninguém é mais fácil de descaminhar-se que o homem de pouco entendimento; quanto mais moderados sejam seus alcances, tanto mais seguro e tranquilo viverá em seus erros; pois não admite disputa que o orgulho é um dos princípios da falsa consciência. Cheios de estima de si mesmos, soberanamente pagos de todas as suas ideias, julgam-se infalíveis em quanto concebem. Tem grande cuidado o amor-próprio de fomentar uma presunção tão declarada por seus interesses, tão aprovadora de tudo quanto o lisonjeia, e isto é o que produz a obstinação na falsa consciência e sua falsa segurança.

Sendo a consciência um juízo secreto que forma a alma aprovando ou reprovando o que faz, a falsa consciência sempre introduz neste juízo o voto do coração, naturalmente inclinado a tudo o que lhe agrada. Quando concorrem estes dois princípios e prevalece este voto, que desacertos se cometem e em que cegueira se vive! Com tal guia, que errados passos não se dão! Então tudo contribui para amodorrar o pecador em sua falsa paz e, em aparente tranquilidade, uma consciência enganada, que tem por tentações os justos remorsos. É um espelho infiel que dissimula e engana; de onde provém que raras vezes conhece seus descaminhos uma consciência errônea, e mais quando se junta com curta capacidade; e do mesmo princípio nasce aquele capricho e dureza de juízo, em força da qual se reputa por inimigo e por contrário tudo o que altera

a falsa paz do coração. Grande Deus! E quem sem ti poderá sair deste atoleiro?

Segundo ponto

Considera que a esta falsa, a esta enganosa luz devem seus progressos as falsas devoções, os abusos mais grosseiros e até as próprias heresias. A falsa consciência é a que introduziu, ou ao menos a que tolerou e aprovou as ilusões do entendimento e do coração; a que sempre as fomenta e as autoriza. Não há maldade que não se cometa com ela; porque a que excessos não se arroja um ambicioso quando faz ponto de consciência suas mesmas enganadas máximas? Uma consciência, se vos apraz, corrompida com a ambição, que zelos tão malignos não inspira? Que artifícios não aconselha? E, se é mister, de que traições não se vale? Quando a consciência vai de concerto com a cobiça, nada lhe custam as maiores injustiças: não há usuras que não favoreça; simonias a que não lance a capa; vexações, violências, pleitos injustos, trapaças e enredos que não santifique. Pois, se a animosidade, se o rancor e o ódio formam a consciência, dize-me que dicterios, que murmurações, que ressentimentos não autoriza, que vinganças não apoia, que escandalosas divisões, que inimizades não fomenta, que desdéns, que desprezos, que sacudimentos não aprova. Nada detém uma falsa consciência; pervertida por uma parte e muito satisfeita de consciência por outra, a tudo se arroja e tudo leva atrás de si. Admiramo-nos não poucas vezes de ver algumas pessoas, ao parecer virtuosas e até devotas de profissão, que no meio disso são vingativas, murmuradoras, orgulhosas, rebeldes às decisões dos mais sábios doutores e até às da mesma Igreja. Tudo é fruto, tudo é obra da falsa consciência, que aprova e autoriza quanto lisonjeia o amor-próprio, quanto se acomoda à concupiscência e à sensualidade. Que não fizeram os judeus guiados de uma falsa consciência? Crucificaram o Santo dos santos. Que não fizeram e que não fazem todos os dias tantos hereges? Pelos artifícios da falsa consciência tantos pobres homens, tantos povos ignorantes, tantas mulheres presumidas, sem a mais leve tintura de letras, se metem a decidir sobre os pontos mais impenetráveis da religião, julgam tranquilamente de tudo e escandalosamente se obstinam em não render-se às mais santas determinações da Igreja. A favor da falsa consciência peca-se ousada e tranquilamente, porque não se experimenta inquietude nem turbação; peca-se quase sem esperança de remédio, porque o grande recurso do pecador é a reta e santa consciência, a qual condena o pecado ao mesmo tempo em que o comete: por aqui o chama Deus; mas, quando emudece esta voz e quando está fechada esta porta, que recurso lhe resta ao pecador? A delicadeza de consciência nos santos e os mesmos escrúpulos das almas timoratas mostram bem quanto temiam o infeliz estado da falsa consciência.

Ah, Senhor, por irritado que estejais, não queirais castigar jamais vosso povo com esta funesta cegueira! Descarregai vossa ira em todo o mais, mas perdoai-nos neste ponto. Ao contrário, fazei-nos tão delicados, tão detidos no que toca a vossos mandamentos, e dai-nos uma consciência tão timorata que desconfiemos sempre de nossas próprias luzes; um coração, um espírito humilde, dócil, rendido, reto; e que vossa santa lei seja sempre nossa guia.

Jaculatórias

> *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.* Sl 118.

Bem-aventurados os que nunca se desviam do caminho da inocência e vão sempre adiante pela lei santa de Deus.

> “ *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas ne memineris, Domine.* Sl 24.

Esquecei, Senhor, minhas ilusões e meus erros e não vos lembreis dos pecados de minha inconsiderada mocidade.

Propósitos

1. Olha com horror tão desacertada guia e nada temas tanto como o engano e a ilusão em ponto de salvação. Mal se pode crer que tantas gentes lastimosamente precipitadas no erro, e tantos outros de vida por outra parte tão regulada, caiam miseravelmente por pura malícia em tantas desordens em matéria de costumes e vivam com tanta tranquilidade em costumes tão desbaratados e tão visivelmente opostos às máximas do Evangelho. A falsa consciência é a que faz estes estragos e a que produz todos estes frutos. Seria possível que uns homens, por outra parte capazes, retos e até moralmente bem inclinados, deixassem de conhecer que estavam fora do caminho da salvação, se não os cegasse a falsa consciência e se esta cegueira não irritasse suas paixões, fazendo-os surdos e insensíveis a todas as inspirações da graça? Deves precaver-te contra um mal tão perigoso e tão comum; desconfia sempre da dureza de juízo em ponto de devoção; nunca te aferres em teu ditame contra o parecer de teus diretores, de teus pais e de teus amigos; guarda-te bem de que teu capricho seja efeito da falsa consciência. Nunca te persuadas de que não há inconveniente em ir à comédia e à ópera; de que podes sem escrúpulo concorrer a certos lugares onde corre perigo a inocência; de que não há inconveniente nem tem mistério o passar no jogo os dias e as noites. Quantas vezes te parece estar obrigado a encolerizar-te, a mostrar teu mau humor a toda a família, a executar com pouca espera e com não muita piedade a teus credores? E essa aspereza com que tratas a teus dependentes não será também efeito de uma falsa consciência? Se és eclesiástico ou religioso, não te dispenses com demasiada facilidade em certas obrigações. E não vives talvez muito errado, parecendo-te que podes com boa consciência usar de tuas rendas como usas delas e aplicá-las ao que as aplicas? Terás motivo para estar muito seguro de que cumpres com a obrigação do ofício divino rezando-o com a indevoção com que o rezas? E poderão sossegar-te muito os frívolos pretextos com que te escusas de celebrar o santo sacrifício da missa? É certo que uma consciência lassa autoriza todos estes defeitos; mas te fará por isso menos culpado em cometê-los? Remedia sem dilação estas desordens.

2. Guarda-te muito de buscar muito de propósito diretores lisonjeiros e lassos, confessores cômodos, profetas que só anunciam o que afaga o amor-próprio; todos são muito maus guias. Que cego busca por lazarilho a outro cego? Nunca te fies de juízes que sentenciam sempre a favor de

tua inclinação. Expõe singelamente tuas dúvidas a pessoas sábias e conforma-te sem réplica com suas resoluções.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:25 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:25 by Admin